

## Full Metal Alchemist e o processo de limpeza étnica: De Ishval a Palestina.

Luana Rodrigues Mota<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse texto procura associar o “massacre de Ishval”, presente no enredo dos animes *Full Metal Alchemist* e *Full Metal Alchemist Brotherhood* ao processo de expulsão e limpeza étnica na Palestina. Para isso, pretende-se analisar os dois episódios onde o massacre é descrito, com as obras de Illan Pappé e Nur Marsalha para construir a semelhança presente entre ambos os casos, mostrando como o discurso ficcional pode nos servir como forma de análise do real concreto. Como arcabouço teórico metodológico utilizarei a análise crítica do discurso.

**Palavras-chave:** Palestina; Limpeza Étnica; Full Metal Alchemist; *Otaku*;

**Abstract:** This article seeks to associate the “Ishval massacre”, present in the plot of the animes *Alchemist Full Metal* and *Irmandade Alquimista Full Metal*, to the process of expulsion and ethnic cleansing in Palestine. For this, it is intended to analyze the two episodes where the massacre is described, with the works of Illan Pappé and Nur Marsalha to build the present similarity between both cases, showing how the fictional discourse can serve us as a form of analysis of the concrete reality . As a methodological theoretical framework I will use critical discourse analysis.

**Keywords:** Palestine; Ethnic Cleanliness; Full Metal Alchemist; *Otaku*;

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Discente de Mestrado do programa de Pós Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF

O objeto de estudo desta análise é o anime *Full Metal Alchemist Brotherhood* e sua versão *Full Metal Alchemist*<sup>2</sup>, da autora Hiromu Arakawa, uma narrativa ficcional que descreve um regime totalitário, uma ditadura militar, nos moldes dos regimes totalitários do início do século XX. Na prática, os regimes totalitários são marcados pela exclusão, o racismo e a limpeza étnica. O espectador tem uma prova disso na descrita obra.

Esta análise busca trazer uma crítica sobre os principais pontos abordados na narrativa ficcional e seus paralelos com os fatos decorrentes da expulsão dos palestinos após 1948, e que permanece até os dias de hoje. Entendo o objeto, *anime*, como uma forma de disseminação do discurso de grande alcance, buscarei identificar até que ponto essa narrativa oferece uma visão crítica destes acontecimentos e até que ponto ela naturaliza essas ações.

Acredita-se ser de grande importância trazer para a pauta acadêmica objetos de estudo como esse, pois toda produção cultural humana carrega certo grau de base na realidade. O discurso ficcional é alterado pela realidade e o mesmo acontece com a realidade ao entrar em contato com o discurso ficcional. Não entendido como um reflexo daquilo que se considera real, mas como uma representação, como argumenta Roger Chartier (2002). Assim, toda representação, todo discurso ficcional, é passível de análise.

Para construir este artigo, utilizaremos os conceitos propostos pela Análise Crítica do Discurso (ACD), que se apresenta como um método/teoria que busca questionar o objeto por completo, entendendo como discurso não apenas a superfície, mas o contexto em que este está inserido. Para isso, compreende-se o discurso como forma de dominação e manutenção do poder e ideologias hegemônicas vigentes: “Se o controle do discurso é uma forma maior de poder, controlar as mentes das pessoas é outro modo fundamental de reproduzir a dominância” (DIJK, 2005,p.26)

---

<sup>2</sup> Ambas as obras seguem inicialmente uma mesma trama inicialmente, diferenciando-se apenas no desfecho. Para este trabalho, apesar das diferenças entre elas, os aspectos principais de análise aqui elencados permanecem os mesmos: o caráter autoritário/ditatorial do governo e a limpeza étnica / massacre e marginalização da população Autóctone e a narrativa.

Para além de uma simples análise, o método escolhido dialoga com a prática, propondo que haja uma forma de articulação entre o pensar e o fazer, buscando, desta maneira, uma reflexão sobre as formas institucionalizadas de se fazer ciência. Afinal, para além da crítica a mídia e as demais formas de reprodução ideológica, “um dos recursos mais poderosos da globalização hegemônica é, sem dúvida, a ciência moderna ocidental” (NUNES, p.315)

Propondo uma análise crítica sobre um viés decolonial<sup>3</sup>, busca-se entender de que forma as representações midiáticas são responsáveis pela formação do outro enquanto objeto, para isso será preciso através de um olhar atento realizar o que João Ariscado Nunes propõe como uma nova forma de se pensar o fazer científico, longe das amarras da ciência “duras” (NUNES,p.308).

Por tanto, a abordagem de análise do objeto (da mídia e da cultura de massas) será a de Douglas Kellner (2001), que compreende a produção midiática e os discursos decorrentes dela dentro de um contexto histórico-econômico-social vigente, como produtoras e reprodutoras das formas de agir, pensar e se relacionar, sendo portanto uma forma de reforçar a estrutura colonial.

Quanto o papel da ambíguo da mídia e a crítica proposta por esse artigo, usaremos os conceitos de Kellner (2001), ao compreender os discursos midiáticos como local de disputa de ideologias, e não como um aparelho pronto: A cultura midiática transmite os valores hegemônicos vigentes (tais valores serão construídos de acordo com cada sociedade, tempo e espaço, servindo a lógica em que estão inseridos, não é, portanto, um roteiro pronto aplicado em qualquer produção.), mas o agente social tem a possibilidade de ressignificar tais valores e transformar a experiência.

Outro importante ponto que precisamente iremos abordar é o que Kellner (2001) vai denominar de “cultura comercial”, que vai situar os estudos sobre cultura midiática dentro de um contexto socioeconômico em que são produzidos. Assim como a maior parte do que é produzido nas superestruturas, a mídia, a cultura e a ideologia servem para reforçar a base e vice e versa, num movimento dialético que da forma à história.

---

<sup>3</sup> Compreendendo a forma de produção deste objeto seguindo uma lógica específica de viés colonial/ocidental, responsável por estruturar as subjetividades na modernidade.

“Por tanto, para interrogar de modo crítico a cultura contemporânea da mídia é preciso realizar estudos do modo como a indústria cultural cria produtos específicos que reproduzem os discursos sociais encravados nos conflitos e nas lutas fundamentais da época” (KELLNER, 2001, p. 12)

Dialogando com essa visão, Fairclough (2012) define como práticas sociais a combinação entre estrutura e ação, tão cara para compreender a forma como as produções midiáticas afetam e são afetadas pelas estruturas sociais em que estão inseridas. Portanto, compreendemos o discurso como arenas de produção da vida cotidiana, produzido e sendo produzido por ela, demonstrando o caráter volátil do objeto e dos sujeitos, que podem seguir a lógica estrutural vigente, mas também podem transformá-la.

Como embasamento teórico, se faz necessário revisitar as contribuições de Edward Said, autor palestino e grande contribuinte dos estudos sobre a dualidade oriente versus ocidente. O conceito de “orientalismo” cunhado pelo autor, diz respeito a uma representação não fiel do oriente, construída para fazer valor aos objetivos de colonização do ocidente, perpetuando sua dominação. Esse tipo de visão orientalista vem sendo desenhada pelo outro ocidental, que tece sua identidade a partir da diferença com o outro.

Said denuncia o quanto o orientalismo pode ser responsável pela construção estática do outro<sup>4</sup>. Esse tipo de representação serve a legitimação da dominação ocidental sob o oriente, numa intensa dança entre justificativa e indulgência, com uma construção tão forte sobre alteridade que perpassa a esfera bélica concreta e permanece numa espécie de imaginário social. Para Brandão (2022) essa visão de oposição tecida pelo orientalismo pode ser vista como parte da estratégia ocidental de dominação, visto que é responsável por “manejar de forma estratégica o debate sobre a diferença” (BRANDÃO, 2022, p.5)

O conceito de Limpeza Étnica, aplicada à análise da diáspora palestina pelo historiador israelense Illan Pappé, contribuirá para entendermos tanto o caso palestino

<sup>4</sup> SAID, 2007, p.7

como para compreendermos o caso fictício de Ishval. para tanto é importante situa-lo dentro de uma definição bem demarcada:

“A limpeza étnica é uma política bem definida de um determinado grupo de pessoas para sistematicamente eliminar de um dado território outro grupo, com base a religião ou origem étnica ou nacional. Tal política envolve violência e muito frequentemente está ligado a operações militares. Deve ser cumprida por todos os meios possíveis, desde a discriminação até o extermínio, e acarreta a violação dos direitos humanos e da lei humanitária internacional... A maioria dos métodos de limpeza étnica é grave violação das convenções de Genebra de 1949 e dos protocolos adicionais de 1977.” (Dazen Petrovic *apud* PAPPÉ, 2016, p. 21)

## A HISTÓRIA DE ISHIVAL

Hiromu Arakawa é uma *mangaká* (escritora de mangá) nascida em Hokkaido, Japão em 1973. Trabalhou em diversas produções do gênero, mas Full Metal Alchemist foi a sua obra de maior renome, atingindo o público não só local mas internacional, ganhando assim duas adaptações para a TV : Os animes (ou animê ou animé) Full Metal Alchemist e Full Metal Alchemist Brotherhood, aqui analisados.

É importante lembrar que quanto ao recorte de estudo deste artigo, ambas as animações trazem as mesmas perspectivas e cenas sobre o ocorrido, por isso, trataremos das obras como um todo dentro da na narrativa ficcional das obras de Hiromu Arakawa.

“Ishval” é um pequeno território anexado ao Estado de Amestris, que vive sob uma ditadura militar. A sua população é descrita como ultra religiosa e resistente á assimilação ao novo governo, por conta disso, apesar da anexação as forças do exército sempre encontraram resistência por parte dos *ishvalianos*.

As personagens principais da trama são parte atuante desta estrutura política, normalmente são agentes ligados diretamente ao governo (soldados, tenentes,

alquimistas federais e demais cargos relacionados.) Essas personagens, apesar dos atos ilícitos, detêm o lugar de protagonistas e cativam a carisma do espectador através do discurso.

Os *ishivalianos* viveram e resistiram à dominação com a ajuda de nações próximas, mas em 1901, quando um soldado do Estado atira contra uma criança, se inicia a guerra civil que perdurará por 7 anos e terá seu fim com a ordem de execução 3066, responsável pelo processo de limpeza étnica.

O povo de *Ishval* é descrito pelas personagens principais como uma população atrasada, amarrada aos dogmas religiosos e relutante às inovações trazidas pelo exército. Até mesmo após o massacre, os sobreviventes tiveram que conviver com o preconceito e a marginalização por conta de sua raça. A personagem *Scar*, que representa essa faceta de resistência e busca justiça pelo ocorrido no passado, é sempre tido como um fanático religioso e seus objetivos de obter reparação são desqualificados: mesmo quando direcionado a um agente específico, neste caso o Exército, esta reivindicação é tida como vingança contra inocentes.

As personagens principais que cometeram o massacre e buscam redenção tem seu espaço privilegiado frente à personagem que luta por reparação. O massacre é atenuado visto ao arrependimento das personagens, enquanto que a luta por reconhecimento do crime e culpabilidade dos agressores é visto como pura e simples vingança. Temos novamente uma disputa por narrativas que acaba por categorizar o outro como hostil, atrasado, negativo.

A criminalização da população de *Ishval*, que acontecera desde a anexação do governo, tornou-se ainda mais agravada para os sobreviventes que tiveram de viver sob diáspora, afastados do centro e confinados a margem. Mesmo após o reconhecimento e o possível arrependimento das personagens, a criminalização do povo e sua constante perseguição continuam.

É de crucial importância perceber que a ordem proveniente do Estado que organizou o massacre fora anteriormente planejada, portanto, não há casualidades em processos de expulsão. O território estava nos objetivos do governo para realização de planos futuros, inclusive o próprio massacre serviria aos objetivos da trama principal da

obra. Assim podemos fazer um paralelo com a realidade, quando os interesses políticos são mais importantes do que a própria vida, e quando o destino de milhares de pessoas é definido em uma assembleia regida por pessoas que não têm ligação mínima com o território ou a população. Nisso resulta o processo de extermínio de Ishval, nisso resulta o processo de expulsão da Palestina.

## A LIMPEZA ÉTNICA NA PALESTINA

Em 1947, em meio a [À] bagunça provocada pela dominação imperialista na região, foi designado a [À] ONU resolver o embate do século: A criação de um Estado Judeu na Palestina. E ainda imersa na lógica da guerra fria, e no crescimento do capital imperialismo, foi determinado que 51% do território palestino seria destinado a Eretz Israel, enquanto 46% (Das terras menos férteis e mais mal localizadas) ficaria sob controle da população nativa local. O que aconteceria com a população ao lado judeu da fronteira? Qual seria a política de assimilação?

“De fato, a transferência da população é tão antiga quanto as primeiras colônias sionistas na Palestina e o surgimento do sionismo político. Pode-se dizer que é uma evolução lógica do objetivo último do movimento sionista, de estabelecimento de um Estado Judeu através da colonização e aquisição de terras —em outras palavras, através de uma transformação étnico-religiosa-demográfica radical de um país que possuía uma população quase que inteiramente árabe no começo da empreitada sionista” (MASALHA, 2021, p.17)

Visando o estabelecimento de uma maioria demográfica, essa população nativa que residia ao “lado israelense da fronteira” foi sistematicamente perseguida e expulsa da região. Esse processo de expulsão, objeto de discussão dos autores Pappé (2016) e Masalha (2021), aconteceu através de incursões de violência e repressão. Episódios como o de Deir Yassin, ocorridos antes mesmo da declaração oficial de criação de um Estado israelense, provam, na visão destes autores, que o processo seria feito através de todas as formas disponíveis.

O processo de limpeza étnica na Palestina não teve início com a criação de Israel em 1948, pelo contrário, fora um plano muito bem delimitado e estava presente nos

objetivos sionistas de construção de um Estado etnicamente puro. Não há dúvidas, o objetivo sionista nunca fora aceitar as migalhas da ONU, mas, através desta, foi capaz de gerir seu reconhecimento como Estado, criado unilateralmente (Afinal, só vamos ter uma organização política palestina reconhecida 45 anos depois) e de expandir suas fronteiras, somando hoje quase 90 % do território. Retomando a reflexão inicial sobre o significado de limpeza étnica, qualquer olhar atento perceberia que a criação de Israel culminaria na limpeza étnica.

Podemos, portanto, fazer um paralelo aos objetivos do sionismo político com o colonialismo, como fez Domenico Losurdo, ao compreendermos que a visão sionista de dominação e expansão se daria sobre uma terra desocupada, sem “ninguém” que valesse a pena o suficiente para ser denominado. “Ademais da ideologia, o sionismo toma de empréstimo da tradição colonial as práticas de discriminação e opressão.” (LOSURDO, 2020, p.45)

Servindo aos interesses imperialistas, o estabelecimento deste Estado não encontrou resistência suficiente por parte da comunidade internacional, que por muitos anos “fechou os olhos” (E quando abria os olhos, prendia as mãos. Apesar das críticas, o Estado Israelense com o aval dos aliados norte-americanos não encontra empecilhos para governar, nem mesmo quando existe através de um regime de apartheid no século XXI) sobre o que acontecia na região.

## INTERSEÇÃO

Assim como no caso fictício de Ishval, os interesses políticos reverberaram sobre os humanos. Conforme o senso comum, a naturalização do conflito como viés religioso serve para mascarar os verdadeiros interesses advindos da guerra: território, lucro e poder. Em ambos os casos, a população nativa expropriada é consequência dos interesses políticos estrangeiros sobre a região.

A questão étnico religiosa de ambas as populações foram um fator determinante para a marginalização deste povo. Assim como na palestina, a cultura *ishvaliana* é representada no discurso corrente pelo atraso, pelo apego religioso e pela intolerância com o diferente (com as técnicas de alquimia trazidas pelo estrangeiro). Se fizermos um

paralelo com a realidade, o oriente (representado pelos árabes palestinos e o povo de Ishval) está sempre um passo atrás do ocidente (representado pelo exército de *Amestris* e o Estado de Israel).

A limpeza étnica fora um projeto arquitetado tanto na realidade, quanto na ficção e, apesar de o massacre de Ishval não representar de fato o que aconteceu na Palestina, nos serve para pensar nos processos de expropriação provenientes da lógica de dominação capitalista vigente. A ordem 3066 que autorizou a chacina em Ishval e a resolução 181<sup>5</sup> da ONU que promoveu a solução de dois estados estão mais próximas do que uma leitura despreziosa pode perceber: Ambas foram diretrizes decididas por um grupo de pessoas que não tinha nenhuma proximidade real com os referidos territórios e seguiram uma lógica política colonial de dominação e expropriação. Em resumo, ambos os processos de remoção populacional foram previamente arquitetados.

A limpeza étnica na palestina gerou a diáspora de cerca de 70 mil refugiados que hoje somam mais de 5 milhões de palestinos. Esse número não para de crescer, porque o direito desses refugiados de retorno é negado pelo Estado de Israel. Assim como essa população refugiada que busca abrigo em outros países ou é obrigada a viver em condições desumanas nos campos de refugiados, a população de descendência palestina que vive em Israel não encontra melhores condições: é submetida a leis racistas e vive sob um claro regime de apartheid<sup>6</sup>, a população ishvaliana também precisou viver a margem da sociedade principalmente por conta da perseguição constante e a discriminação racial a que eram submetidos.

A aproximação do governo totalitário e ditatorial descrito nas obras de Arakawa com a Alemanha nazista (inclusive, o grande chefe de estado é denominado como *Führer*.) e a alusão à perseguição aos *ishvalianos* aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial é intrigante, pois ao construir a crítica proposta por este artigo, e aproximar os

---

<sup>5</sup> A partilha da Palestina, que ficou conhecida como resolução 181 da ONU, concebia a divisão do território em 2 estados, um palestino com 42% do território e outro judeu com 56% do território.

<sup>6</sup> No ano de 2021 a organização *B'Tselem* ( que se auto-define como: "o centro de informações israelense para os direitos humanos nos territórios ocupados") dirigiu um documento que reconhece e acusa o regime de apartheid israelense, esse documento está disponível em: [https://www.btselem.org/publications/fulltext/202101\\_this\\_is\\_apartheid](https://www.btselem.org/publications/fulltext/202101_this_is_apartheid)

mesmos atores, antes perseguidos e agora como perseguidores, nos encontramos em um entrave.

## CONCLUSÃO

Através da narrativa fictícia proposta, há uma chamada a crítica de regimes políticos autoritários e as consequências da guerra. Apesar das personagens principais serem do exército e terem feito parte da decisão 3066, há um processo de redenção onde elas assumem a culpa pelos seus erros. Outro ponto importante tocado pelo anime são os perigos provenientes da segregação.

Descritos como fundamentalmente religiosos, de pele escura e olhos vermelhos<sup>7</sup>, fechados às inovações ocidentais, as personagens aqui estudadas tiveram sua construção através do olhar do outro: Tanto a ficção quanto a realidade refletem a naturalização do discurso colonial. Para isso, compreendemos o outro e sua identidade enquanto a definição de um. Nesse caso, podemos perceber que o outro (o *ishvaliano* ou o palestino) recebe a sua definição a partir do grupo vigente, ou seja, eles são aqueles que “não são” um de nós. Segundo Nutrit Peled-Elhanan (2019), essa é uma categoria muito comum no discurso racista.

Os silenciamentos dos subalternos estão representados na categorização destes como o outro a partir da narrativa do dominante, ocidental. No objeto em questão, apesar do reconhecimento do massacre e do erro das personagens principais, o papel do oprimido (Scar, representante do povo de Ishval) é colocado em segundo plano, assim como sua “vingança” é desqualificada perto do desejo de redenção dos oficiais que praticaram tais atrocidades.

É preciso, portanto, construir uma nova forma de percepção dentro das ciências sociais que esteja vinculada ao não silenciamento e quebra do modelo hegemônico vigente. Para isso, é necessário que possamos questionar os discursos, propor novas interpretações e lutar contra as generalizações. Afinal, “é o entendimento e o estudo da

---

7 Descrição da personagem Scar pelo Major Armstrong

própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito”. (KILOMBA, p.69)

Para isso, propomos a construção de uma análise histórico-social vinda de baixo (THOMPSON 2001) que busque dar voz aos silenciamentos dos subalternos e faça a devida crítica á transformação do sujeito em objeto de análise, “Pois no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter” (KILOMBA, p.39) Além disso, compreendemos o papel da mídia e das produções culturais como construto da dinâmica social vigente, portanto sendo um terreno árduo de disputas.

Através da perspectiva da colonialidade (do ser, do poder e do saber), e da análise de Edward Said sobre o tema, entendemos o objeto como fruto de um projeto fetichizador da imagem do outro, construindo-o sob o viés ocidental. Imerso dentro de uma lógica espécie de neo-colonialismo, entendendo a dinâmica de poder da *economia mundo* (Wallerstein 2004), o objeto estudado contribui, portanto, para a naturalização da invisibilidade da luta do oprimido, neste caso, lugar compartilhado tanto pelos *ishvalianos* como pelos palestinos.

Essa invisibilidade torna-se visível a partir da representação fútil, onde o sujeito subalterno é apresentado de forma rasa e estática como já denunciava Said. Na obra em questão, essa representação é feita de duas formas: na primeira representando o povo *ishivaliano* como vítima, sem perspectiva de resistência, e na segunda ao tornar inviável a forma de busca por justiça e resistência, deixando nas mãos das personagens principais, os soldados de *Amestris* (brancas, ocidentalizadas) a resolução do problema, da forma que entendem ser a melhor.

A perspectiva do povo de Ishval, representada apenas por uma personagem, assume um papel vilanesco em contra partida às personagens do exército que realizaram o massacre e que buscam redenção, portanto entendem o seu lugar no processo e assumem posição crítica frente às atitudes do governo, tomando a narrativa heroica dos mocinhos. Ao povo de ishval e ao seu representante nesta narrativa, não é dado o benefício de ser agente de sua própria história, é relegado a ele apenas o papel de coadjuvante das atitudes das outras personagens, e sua tentativa de “justiça” é

interpretada como vingança, inválida. A mesma sentença pode ser aplicada a história da palestina, onde sua história é a história contada e reproduzida pelo ocidente.

Portanto, a viabilidade e importância deste estudo se mostra crucial: Criar uma análise que abrace os estudos críticos de mídia, situando a sua produção no contexto social em que é produzida, através de uma abordagem crítica e decolonial, que permita não só entender as contradições por ela propostas, mas também elaborar formas de ação. Desta forma, pretendemos contribuir de forma sucinta para o campo, convocando novas análises que abracem a ideia de rompimento com as ciências sociais duras e alargamento das perspectivas.

O objeto estudado, portanto, é de extrema viabilidade para construção de uma visão crítica sobre os conceitos anteriormente levantados, lembrando que é objetivo, portanto, tecer uma discussão que abuse da dialética e que não se agarre em abordagens bipartirdes, mas que compreenda a volatilidade da mídia e seu caráter ambíguo para compreensão da realidade concreta, principalmente como objeto de análise amplo. Deste modo podemos compreender que as discussões iniciais fomentadas neste artigo, não se esgotam em sua complexidade.

## ANEXOS

**Figura 1** – O massacre de Ishval



Fonte: Blogspot – 2020<sup>8</sup>

**Figura 2** – O massacre de Sabra e Chatila (1982)<sup>9</sup>



Fonte: Blogspot – 2017<sup>10</sup>

**Figura 3** – A personagem Scar.



Fonte: Wikipedia – 2021<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://bityli.com/N9huw>

<sup>9</sup> O massacre dos campos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila pelo exército israelense.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://bityli.com/dk3Zw>

<sup>11</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Scar\\_\(Fullmetal\\_Alchemist\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Scar_(Fullmetal_Alchemist))

**Figura 4** – Soldado de Amestris assassina criança ishvaliana.



Fonte: Amino – 2016<sup>12</sup>.

**Figura 5** – Soldado israelense aponta arma para criança palestina



Fonte: Blogspot – 2014<sup>13</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Wildson Roberto Lima. **O choque cultural da guerra ao terror: a identidade ocidental e a vinculação conflitiva com o terrorismo**. 2022. 26 f.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://bityli.com/1z9kz>

<sup>13</sup> Disponível em: <https://bityli.com/gNoJp>

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) –  
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

CHARTIER, R. “**Por uma sociologia das práticas culturais**. [Trad.]. A História Cultural entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002, p. 13-28. (texto nº 6)

**Colonialidade e Decolonialidade**. [Locução de]: Ana Lúcia Enne. Local: Papinho (GRECOS) 13 Jul. 2021. Podcast. Disponível em: <https://bityli.com/J2GF2>. Acesso em: 22 Jul. 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO COMO MÉTODO EM PESQUISA SOCIAL CIENTÍFICA / CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS AS A METHOD IN SOCIAL SCIENTIFIC RESEARCH**. *Linha d'Água*, São Paulo, n. 25, p. 307-329, 2012. Tradução: Iran Ferreira de Melo

FINKELSTEIN, Norman G. **A indústria do Holocausto: reflexões sobre a exploração do sofrimento judeu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HOBSBAWN, Eric & Terence Ranger (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação. Episódios do racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

LOSURDO, D. **Colonialismo e luta anticolonial: desafios da revolução no século XXI**. Organização e apresentação: Jones Manoel. Prólogo: Caetano Veloso. Tradução: Diego Silveira, Federico Losurdo, Giulio Gerosa, Marcos Aurélio da Silva, Maria Lucilia Ruy, Maryse Farhi, Modesto Florenzano e Victor Neves. São Paulo, Boitempo, 2020.

MARSALHA, Nur. **Expulsão dos Palestinos: O conceito de "transferência" no pensamento político sionista - 1882-1948.** Trad. Leo Misleh. 1. ed. SÃO PAULO: SUDERMANN, 2021. 248 p.

NUNES, João Arriscado. **Teoria Crítica, cultura e ciência: o(s) espaço(s) e o(s) conhecimentos(s) da globalização,** in, SANTOS, Boaventura de Sousa, A **Globalização e as Ciências Sociais,** Ed. Cortez Editora, São Paulo, 2011. Pp. 301- 344.

PAPPÉ, Ilan. **A limpeza étnica da Palestina.** 1 ed. São Paulo: Sudderman, 2016.

PELED-ELHANAN, Nutrit. **Ideologia e Propaganda na Educação: Os palestinos nos livros didáticos israelenses.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

**Tabela comparativa entre pós-modernos, pós-coloniais e decoloniais** - produção coletiva do GRECOS 2018-2020. Disponível em: <https://bitly.com/w4Sk1>

THOMPSON, E.P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

VAN DIJK, Teun A. **Cognição, discurso e interação.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004. \_\_\_\_\_ . **Discurso, notícia e ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso.** Porto: Campo das Letras, 2005.

Wallerstein, Immanuel Maurice, 1930- **Análisis de sistemas-mundo : una introducción** / por Immanuel Wallerstein ; traducción de Carlos Daniel Schroeder. — México : Siglo XXI, 2005. 156 p. — Traducción de: World-systems analysis. An introduction

Revista  
CONVERGÊNCIA  
CRÍTICA